

Hécate, deusa da magia: representação em *Macbeth*

Hecate, goddess of magic: representation in Macbeth

Thais Rocha Carvalho*

Resumo:

Hécate é uma deusa de múltiplas representações na Antiguidade, porém a mais predominante no imaginário contemporâneo é a da terrível deusa da magia. Isso se deve, principalmente, à figuração da deusa na peça *Macbeth*, de Shakespeare, que, por sua vez, herdou essa imagem da representação da deusa em Roma. O objetivo deste artigo, portanto, é mostrar como Hécate é representada na Antiguidade Clássica e na peça de Shakespeare, de forma a estabelecer um paralelo comparativo entre essas representações.

Palavras-chave: Hécate; Figuras divinas femininas gregas; Magia no mundo antigo; *Macbeth*; Shakespeare.

Abstract:

Hecate is a goddess of multiple representations throughout Antiquity, however the most prominent one in contemporary times is that of the terrible goddess of magic. This is due, mostly, to her representation in the play *Macbeth*, by Shakespeare, which inherited it from ancient Rome. The aim of this paper, therefore, was to show how Hecate is represented in the Classic Antiquity and in Shakespeare's play, in order to establish a comparative parallel between these representations.

Keywords: Hecate; Greek female divine figures; Magic in the ancient world; *Macbeth*; Shakespeare.

1 Introdução

Caracterizar figuras divinas gregas não é uma tarefa fácil nem mesmo quando nos voltamos apenas para a Grécia Antiga. Cada um de seus três períodos históricos¹⁵³ possui características próprias, e mesmo se estivermos considerando apenas cada um deles separadamente, não podemos esperar uma unidade representativa de divindades, já que cada *pólis* tinha cultos específicos, que podiam ou não coincidir com as tradições consideradas pan-helênicas. Como nos lembra Sourvinou-Inwood (1978, p. 102), “nenhum aspecto de uma divindade tem qualquer significado se separado de seu contexto orgânico”.

Nesse contexto, o caso de Hécate é especialmente peculiar. Por toda a Antiguidade, ela foi uma deusa de grande diversidade, originalmente multifacetada, mas cujas atribuições sombrias ganham força e acabam por prevalecer em representações posteriores (GRIFFITHS,

* Mestranda do Programa de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES. E-mail: thais.carvalho@usp.br

¹⁵³ Períodos arcaico (VIII-V a.C.), clássico (V-IV a.C.) e helenístico (IV-I a.C.)

2006, p. 54; JOHNSTON, 1990, p. 2).

O primeiro dado a notar é que Hécate não é uma deusa originariamente grega. Embora sua origem exata seja incerta, a teoria mais aceita a posiciona ao oeste da Ásia Menor, mais especificamente na Cária (JOHNSTON, 1990; 1999). Evidências arqueológicas de seu templo em Lagina (no sudoeste da Turquia), datado do período helenístico, “sugerem que ela desempenhava os mesmos papéis na Cária que Cibele desempenhava na Frígia: deusa da cidade, deusa mãe e benfeitora global” (JOHNSTON, 1999, p. 206).

No entanto, ao pensarmos em Hécate no século XXI, essas não são as atribuições que nos veem à mente. A imagem da Hécate mais sombria, deusa terrível, associada às feiticeiras e aos trabalhos mágicos, nos é particularmente familiar graças à sua imortalização na peça shakespeariana *Macbeth*, na qual a deusa figura não apenas mencionada, mas aparecendo em cena de forma a guiar as ações das três bruxas.

Este artigo se insere na vertente de estudos denominada “Recepção dos Clássicos”¹⁵⁴, cuja origem remonta à década de 1970 (HEXTER, 2006, p. 23), mas que vem ganhando força desde a década de 1990 na Europa e nos Estados Unidos (MARTINDALE, 2006, p. 1) e mais recentemente no Brasil.

Há diversas formas e abordagens diferentes para se entender e fazer estudos de recepção (BATSTONE, 2006, p. 14), mas enfocando sempre a subjetividade do leitor ao interpretar os clássicos (idem). Nas palavras de Hardwick e Stray (2008, p. 1): “[recepções são] formas em que materiais gregos e romanos foram transmitidos, traduzidos, citados, interpretados, reescritos, reimaginados e representados”.

“Antiguidade e modernidade, presente e passado, estão sempre implicados um com o outro, sempre em diálogo – para entender um precisamos pensar no outro” (MARTINDALE, 2006, pp. 5-6). Nesse sentido, minha intenção foi analisar como a tragédia *Macbeth* leu e reinterpretou o papel da deusa Hécate enquanto deusa da magia, levando em consideração essas funções da deusa na Antiguidade Clássica.

Para entendermos com mais clareza o papel de Hécate na peça de Shakespeare, tema principal deste artigo, portanto, é necessário primeiro compreender o caminho da representação da deusa na Antiguidade Clássica. Assim, o artigo se dividirá em duas partes: na primeira, traço um breve panorama da representação da deusa Hécate nos períodos arcaico, clássico e helenístico; na segunda, veremos como é caracterizada a Hécate shakespeariana e seu papel

¹⁵⁴ “Clássicos” aqui entendidos como a cultura e a literatura da Grécia e Roma Antigas.



como personagem de *Macbeth*.

2 Hécate na Grécia e Roma Antigas

2.1 Período Arcaico

As menções mais importantes à Hécate na poesia do período arcaico estão na *Teogonia*, de Hesíodo (c. 750-650 a.C.), e no *Hino Homérico a Deméter* (c. século VI a.C.)¹⁵⁵.

O *Hino* narra a história do rapto de Perséfone por Hades e a busca desesperada de Deméter pela filha. Em seu sofrimento, Deméter acaba por lançar um inverno rigoroso nunca antes experimentado pela humanidade. A narrativa é bem conhecida por sua função etiológica de explicar a origem das estações. O *Hino*, no entanto, possui algumas divergências da narrativa tradicional, principalmente o fato de que, desde seus versos iniciais, Deméter já é caracterizada como *aglaódore*, ou seja, “concedente das estações”.

Hécate figura brevemente duas vezes na narrativa. Inicialmente, sua participação é central para que Deméter descubra que Perséfone foi de fato raptada (versos 22-27 e 51-87), já que Hécate é uma das únicas testemunhas do rapto (além do deus Hélio, que tudo vê), embora alegue ter apenas ouvido e não de fato visto o que ocorreu. Mais ao final da narrativa (versos 438-440), após Perséfone retornar do submundo e ser determinada a divisão de seu ano (um terço com o marido Hades no submundo, dois terços ao lado da mãe Deméter), Hécate reaparece para saudar a nova rainha do submundo e receber um novo papel, de auxiliar Perséfone em seu movimento de subida e de descida (versos 438-440).

Hécate, portanto, recebe uma nova honra – *timé*, para utilizar o termo grego. No início do poema não está claro quais eram suas atribuições como deusa, mas ao final ela recebe uma nova honra: mediar o caminho de Perséfone (CLAY, 2006, p. 257).

Já na *Teogonia*, Hesíodo dedica à deusa os versos 404 a 452, em uma seção do poema que ficou conhecida como “Hino a Hécate”, conferindo-lhe influência sobre todas as esferas da vida humana e podendo beneficiar os homens em suas mais variadas funções – essa seção, inclusive, é uma de apenas duas seções da *Teogonia* a mencionar os mortais.

Enquanto no *Hino Homérico a Deméter* Hécate era, inicialmente, uma deusa sem

¹⁵⁵ Os *Hinos Homéricos* são uma coletânea de 33 poemas de diversos tamanhos dedicados a 22 divindades do panteão grego, contando com quatro hinos marcadamente maiores: a Afrodite, a Apolo, a Deméter e a Hermes. De autoria desconhecida, esse conjunto de hinos é denominado “homérico” devido às grandes semelhanças de forma – metro, sintaxe, linguagem, fórmulas – que exibem em relação aos dois grandes poemas épicos atribuídos a Homero.



atribuições próprias, para Hesíodo ela é uma deusa de influência universal, a qual Zeus honra (e não o contrário) justamente por reconhecer sua importância – a única deusa da antiga ordem dos Titãs a manter suas atribuições no novo regime divino comandado por Zeus. Na *Teogonia*, portanto, Hécate é responsável por mediar as relações entre antigos e novos deuses, e também entre deuses e mortais.

2.2 Período Clássico

Dando um salto para o período clássico, porém, a relação de Hécate com as almas dos mortos que retornam ao mundo dos vivos já estava bem estabelecida. De acordo com Johnston, “sua função como líder dessas almas estava suficientemente bem estabelecida no século V a.C. para que os tragediógrafos aludissem a ela sem maiores explicações” (1999, p. 203). Como exemplo, a autora cita a *Helena*, de Eurípidés (datada de 412 a.C.), especificamente o verso 569, no qual Menelau clama à deusa para que lhe envie aparições.

Temos uma grande lacuna aqui, no que concerne às fontes literárias, sobre a representação de Hécate. Como ela foi de companheira de Perséfone ou deusa benevolente universal a uma deusa tão especificamente ligada aos fantasmas? Infelizmente, essa é uma pergunta para a qual não temos uma resposta.

O que parece certo, contudo, é que essa conexão com os fantasmas é o que permite que Hécate comece a ser representada também como deusa da magia e, conseqüentemente, protetora das feiticeiras, já que “a essência da magia da Grécia antiga envolvia a comunicação com os mortos” (JOHNSTON, 2008, p. 14). Sobre a associação de Hécate aos fantasmas, Johnston elabora (*ibid.*, p. 16):

Libações nos túmulos para apaziguar fantasmas podiam às vezes ser suplementadas com ofertas mensais de “ceias” (δειπνα), depositadas em noites de lua nova fora das cidades, em locais onde três estradas se cruzassem (τρίοδοι). Essas ceias eram consagradas não apenas aos fantasmas cujas iras precisavam ser apaziguadas, mas também a sua senhora, a deusa Hécate, já que os vivos esperavam que ela ajudasse a conter esses fantasmas. A relação estreita que Hécate tinha com os fantasmas foi a principal razão para ela ter se tornado a divindade mais importante aos γόητες¹⁵⁶ e outros praticantes de magia na antiguidade (...).

2.3 Período Helenístico

Seguindo para o período helenístico, a representação de Hécate como deusa da magia já estava bem solidificada. Popularizou-se na literatura do período a imagem de Hécate liderando hordas de fantasmas e abrindo as portas do submundo para libertá-los (JOHNSTON, 1990, p.

¹⁵⁶ Especialistas em se comunicar, apaziguar e invocar os espíritos dos mortos (JOHNSTON, 2008, pp.14-6).

146).

O *Idílio 2* de Teócrito (c. 310-250 a.C.), poeta helenístico, é muito poderoso para ilustrar o papel de Hécate como deusa patrona das feiticeiras. A *persona loquens* feminina do poema invoca a deusa para que testemunhe e auxilie-a em seus feitiços para trazer seu amado de volta, em um ritual de encantamento que se estende por 47 versos do poema.

É importante ressaltar aqui a noção antiga para magia. De acordo com Griffiths (2006, p. 42), “no mundo grego, a magia podia ser atribuída tanto a habilidades sobre-humanas intrínsecas, quanto ao conhecimento de ferramentas especiais”. Não há, portanto, um juízo de valor sobre ser algo “bom” ou “ruim”. Feiticeiras eram aquelas que dominavam conhecimentos e ferramentas especiais, e esse conhecimento em si não pode ser julgado como bom ou ruim. São as ações que podem ser vistas como benéficas ou maléficas, e sempre levando em conta para quem são direcionadas.

A mais famosa feiticeira grega associada à Hécate é, sem dúvida, Medeia, que, por sua vez, é notória por seus trabalhos mágicos, tidos como os principais responsáveis pelo sucesso da expedição de Jasão na busca pelo velocino de ouro. Medeia é filha do rei da Cólquida, Eetes, o qual trai, para auxiliar Jasão a alcançar seu objetivo, fugindo com ele para a Grécia. Essa história é narrada em um poema épico do período helenístico: as *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes (século III a.C.).

Nas *Argonáuticas*, Medeia é estritamente associada à Hécate antes mesmo de aparecer diretamente no poema. Argo, um dos companheiros de viagem de Jasão, descreve Medeia como conhecedora das drogas (*pharmácos*) graças aos ensinamentos de Hécate, reiterando sua associação com a deusa (III, versos 475-481 e 528-533).

Mais à frente no poema, Jasão também invoca o nome de Hécate (III, verso 985), apelando à deusa que é mais cara a Medeia em sua tentativa de seduzi-la e convencê-la a ajudá-lo em suas provas. Jasão chega, inclusive, a invocar a deusa, porém, será tomado de medo por sua aparição (III, versos 1209-1223). A descrição da epifania da deusa conta com diversos elementos que frisam quão terrível e poderosa ela é: o fogo que fica mais brilhante, os latidos dos cães, o grito das ninfas. Nas palavras de Diniz (2011, p. 54), “o medo e a fuga de Jasão para junto de seus companheiros, bem como a descrição da figura horrenda da deusa Hécate, são uma demonstração clara do tamanho do poder de Medeia e do quanto ela é assustadora”. Medeia, estando sob a proteção de Hécate, compartilha de seu poder e assombro.

Por fim, é importante notar que Hécate é uma das deusas cujo nome é mais invocado



nos *Papiros mágicos*¹⁵⁷. Ao misturar rituais e tradições gregas, egípcias e até mesmo judaicas, esses papiros retratam, praticamente, uma nova religião, em cujas práticas os deuses e as deusas do submundo assumem papel proeminente – o que não era novidade para a religião egípcia –, mas “é uma característica do sincretismo helenístico dos papiros mágicos gregos” (BETZ, 1996, p. xlv). Hécate não só é muito invocada, mas sua imagem também acaba por misturar-se às de outras deusas, como Perséfone, Selene, Ártemis e até a babilônica Ereshkigal¹⁵⁸.

Não é só nos *Papiros mágicos* que a imagem de Hécate se associa à de outras deusas. Como nos diz Sarian (1998, p. 145), “um dos mais curiosos aspectos da imagística de Hécate é o fenômeno de empréstimos iconográficos que implicam às vezes num verdadeiro sincretismo, outras vezes em uma simples assimilação ou diversas associações”.

2.4 Roma

Por fim, chegamos aos latinos, Ovídio e Sêneca (século I a.C.).

Nas *Metamorfoses* (Livro 7, verso 234) de Ovídio, Medeia, no contexto de um encantamento para auxiliar Jasão e seu pai, que estava prestes a morrer, reza à Hécate, e outras divindades, para que libere os espíritos dos mortos, auxiliando-a no feitiço para aumentar a vida do pai de Jasão e, assim, evitar sua morte (GRIFFITHS, 2006, p. 54).

Já na tragédia *Medeia*, de Sêneca, Medeia menciona Hécate quatro vezes, deixando bem clara sua associação à deusa, diferente da Medeia de Eurípedes. A primeira menção se dá logo nos versos de abertura (versos 6-7), em que Medeia reza para várias divindades ctônicas, incluindo Hécate entre elas, para que a auxiliem em sua vingança. As outras três vezes em que Medeia chama por Hécate (versos 576-578 e 833-842), invoca-a especificamente em meio a preparativos de um feitiço, pedindo para que a deusa a ajude a ser bem-sucedida.

O papel de Hécate no poema ovidiano e na tragédia de Sêneca, portanto, pouco se diferencia da Hécate que encontramos nas *Argonáuticas*: ela é a deusa patrona de Medeia, que a invoca todo o tempo, pedindo ajuda para executar seus trabalhos mágicos com precisão e de forma a obter bons resultados.

2.5 Conclusão

Em suma, como pudemos constatar, Hécate é uma deusa de diversas atribuições, das

¹⁵⁷ Nome dado pelos estudiosos a um corpo de papiros do Egito greco-romano com feitiços, fórmulas, hinos e rituais mágicos, datados do século II a.C. a V d.C. (BETZ, 1996, p. xli).

¹⁵⁸ Rainha dos mortos (LARSON, 2016).



quais podemos destacar: 1) guardiã da cidade; 2) companheira de Perséfone; 3) beneficiadora de mortais e elo entre eles e os deuses; 4) líder de fantasmas; e 5) deusa da magia. Em todas essas funções, por mais diversas que sejam, parece-me que se destaca o papel de Hécate como essencialmente mediadora – entre mortais e imortais, vivos e mortos, habitantes do mundo superior e inferior.

A Hécate que conhecemos, a que nos é apresentada em Shakespeare, segue essa representação mais posterior, estabelecida principalmente no período helenístico, e, portanto, a imagem da deusa que os romanos conheceram melhor. Não é nenhum segredo que Shakespeare muito se inspirava em Roma, como podem nos atestar as peças *Júlio César* e *Antônio e Cleópatra*, portanto, não seria de se estranhar que também para Hécate ele tenha um exemplo romano, herdado, por sua vez, da tradição helenística. Afinal, conhecer os clássicos era uma prova de *status* desde o período do Renascimento (HAYNES, 2006, p. 44).

Passemos agora, então, na próxima seção, a essa Hécate shakespeariana.

3 Hécate em *Macbeth*

Macbeth é uma peça cujo caráter sombrio e presença do sobrenatural são essenciais para o andamento da ação. Nas palavras de Bradley (2009, pp. 256-257):

A escuridão, podemos dizer mesmo o negrume, paira sobre toda a tragédia. É notável que quase todas as cenas que mais prontamente vêm à memória aconteçam seja à noite, seja nalgum local sombrio. A visão do punhal, o assassinato de Duncan, o assassinato de Banquo, o sonambulismo de Lady Macbeth, tudo isso acontece em cenas noturnas. As bruxas dançam no ar carregado da tempestade, ou “feiticeiras negras de meia-noite” recebem Macbeth numa caverna. O breu da noite é, para o herói, motivo de medo, até mesmo de horror; e o que ele sente se torna o espírito da peça.

Bradley ressalta ainda que as bruxas não são, de forma alguma, seres sobrenaturais, mas sim apenas mulheres (*ibid.*, p. 262). No entanto, principalmente quando consideramos a visão grega do que eram “bruxas”, isso parece bastante óbvio e irrelevante. Bruxas não são, nem precisam ser, criaturas sobrenaturais ou deusas, elas são mulheres que, de uma forma ou de outra, aprendem a usar certas ferramentas cujo resultado é magia. Na antiguidade, isso envolveria, principalmente, o auxílio divino. E aqui, se considerarmos a presença de Hécate na cena em que a deusa auxilia as três bruxas, isso parece também ter sua parcela de verdade.

Hécate é mencionada pela primeira vez pelo próprio Macbeth (ato II, cena I), associando-a a trabalhos mágicos sendo realizados e, conseqüentemente, às três bruxas com as quais encontra logo no início da peça. Ele a menciona momentos antes de assassinar Duncan (e



mais tarde a mencionará de novo logo após ordenar o assassinato de Banquo), como se ligando a influência mágica a seus atos vis.

	A natureza é como morta
<i>Nature seems dead, and wicked dreams abuse</i>	Em metade do mundo. Hora em que os sonhos
<i>The curtained sleep; witchcraft celebrates</i>	Maus se insinua sob os cortinados;
<i>Pale Hecate's off'rings, and withered</i>	Em que celebra a bruxaria os ritos
<i>murder,</i> ¹⁵⁹	De Hécate pálida; e descarnado
	Assassínio,

A profecia das bruxas de fato guia toda a ação de Macbeth, no entanto, não me parece que ela o faz como “maldição”, e sim como resultado direto da própria ambição do personagem. Desde que as ouve chamando-o de rei, Macbeth passa a desejar o título para si, o suficiente para planejar a morte não só do rei atual, como também de qualquer um que seja uma ameaça a seu reinado (como é o caso de Banquo e seus filhos).

Noto aqui uma fala de lady Macbeth, na cena seguinte (ato II, cena II), em que ela menciona ter colocado drogas nas bebidas dos guardas para que eles não atrapalhassem os planos:

<i>That which hath made them drunk; hath made me bold;</i>	O que a eles embriagou, a mim deu-me audácia. Escutemos... Silêncio! Foi o mocho
<i>What hath quenched them, hath given me fire. – Hark, peace;</i>	Que piou, esse tétrico vigia Que dá o boa-noite mais sinistro. As portas
<i>It was the owl that shrieked, the fatal bellman Which gives the stern'st good night. He is about it,</i>	Estão abertas. Neste instante o golpe Vai ser vibrado. Os camareiros, bêbedos,
<i>The doors are open, and the surfeited grooms Do mock their charge with snores. I have drugged their possets,</i>	Roncam, como a zombar de seus deveres. Deitei-lhes na poção droga tão forte, Que natureza e morte altercam sobre
<i>That death and nature do contend about them Whether they live or die.</i>	Se estão vivos ou mortos.

Tal qual Medeia, lady Macbeth sabe utilizar drogas para vencer seus inimigos. Se saber magia é saber utilizar as ferramentas mágicas, então também lady Macbeth poderia ser definida como “bruxa” – embora isso não esteja colocado, de forma alguma, na peça. No entanto,

¹⁵⁹ Os textos originais foram retirados da edição de Nicholas Brooke (2008). Todas as traduções de *Macbeth* são de Manuel Bandeira (1993).



olhando-a como estamos, por uma perspectiva da tradição antiga, há muitas semelhanças entre lady Macbeth e Medeia. O uso de drogas e a tomada de decisões difíceis e controversas que seus parceiros homens não conseguiram são apenas duas delas. Sendo Medeia uma bruxa, não o seria também lady Macbeth?

A segunda menção à Hécate se dá no ato III, cena II, mais uma vez na boca de Macbeth, que invoca novamente o nome da deusa ao antecipar um assassinato.

There's comfort yet, they are assailable;

Then be thou jocund – ere the bat hath flown

His cloistered flight, ere to black Hecate's summons

The sharn-born beetle with drowsy hums

Hath rung night's yawning peal, there shall be done

A deed of dreadful note.

São vulneráveis: há conforto nisto.

Portanto, alegre-te. Antes que o morcego

Bata o vôo claustral, e que aos apelos

De Hécate tenebrosa o estercorário

Escaravelho com os seus sonolentos

Zumbidos faça ouvirem-se os bocejos

Da noite, um ato será perpetrado

De sinistra memória.

Hécate aparece de fato em cena no ato III, cena V – embora sua presença seja muito controversa devido à suspeita de que há interpolações em *Macbeth*, e que a cena de Hécate teria sido inserida posteriormente, por outras mãos que não as do próprio Shakespeare (BROOKE, 2008, p. 53; BRADLEY, 2009, p. 395-396)¹⁶⁰.

Sua fala, no entanto, a consolida como senhora das três bruxas, repreendendo-as por terem dado a profecia a Macbeth e incitado sua ambição. Ao final, ela também anuncia o destino de Macbeth, de forma semelhante aos prólogos de algumas peças do tragediógrafo grego Eurípides, nos quais os deuses aparecem antes da peça se iniciar para anunciar, desde o início, o que se sucederá com os personagens principais. É o que ocorre, por exemplo, na tragédia *Hipólito*, na qual Afrodite aparece para anunciar o destino do jovem antes mesmo de ele aparecer em cena.

E com razão! Pois não ousais,

Torpes bruxas antipáticas,

Entrar em comércio e práticas

¹⁶⁰ Curiosamente, a parte dedicada à Hécate no poema de Hesíodo também sofre de mesma suspeita, já que muitos estudiosos desconfiam da prominência e “universalidade” dada à deusa. Nas palavras de Clay (1984, p. 27): “Graças a seu tamanho e aparente falta de integração com o contexto, mas acima de tudo graças aos termos peculiares de elogio reservados à deusa, o chamado ‘Hino a Hécate’ foi frequentemente taxado como uma intrusão no texto hesiódico”.



*Have I not reason, beldams as you are?
Saucy, and overbold, how did you dare
To trade and traffic with Macbeth
In riddles, and affairs of death,
And I the mistress of your charms,
The close contriver of all harms,
Was never called to bear my part
Or show the glory of our art?
And which is worse, all you have done
Hath been but for a wayward son.
Spiteful and wrathful who, as others do,
Loves for his own ends, not for you,
But make amends now: get you gone,
And at the pit of Acheron
Meet me i' th morning; thither he
Will come, to know his destiny.
Your vessels, and your spells, provide,
Your charms, and everything beside –
I am for th' air: this night I'll spend
Unto a dismal, and fatal end;
Great business must be wrought ere noon
Upon the corner of the moon
There hangs a vap'rous drop, profound,
I'll catch it ere it come to ground;
And that distilled by magic sleights
Shall raise such artificial sprites,
As by the strength of their illusion
Shall draw him on to his confusion.
He shall spurn fate, scorn death, and bear
His hopes 'bove wisdom, grace, and fear:
And you all know, security
Is mortals' chiefest enemy.*

De mortes e malefícios
Com Macbeth? E eu, que em fictícios
Prodígios sou mestra, em nada
Sou ouvida nem cheirada?!
E o que é pior, procedestes
De tal modo por um destes
Homens ingratos, odientos,
De malvados sentimentos,
Que no bem que lhes é feito
Só pensam no seu proveito,
Não no prestado serviço.
Pedi desculpas por isso!
Ide e me esperai as três
Na caverna que sabeis
Amanhã de manhãzinha.
Levai lá vossa cozinha,
Vossos vasos de bruxedo,
De malfeitos. Em segredo
Ali irá ter o assassino
A inquirir do seu destino.
Transportar-me-ei pelos ares,
Sobre os montes, sobre os mares,
Por cumprir coisa importante:
Pende da lua minguante
Espesso floco de névoa;
Vou eu mesma colhê-la; levo-a
Onde sei, e ali fabrico
Um sortilégio tão rico
De artificiosa ilusão,
Que o afundará em confusão!
Dará com o pé à própria sorte,
Desprezará a mesma morte,
E acima haverá de pôr
Da virtude e do temor
E da prudência – a esperança!



Ora, sabeis, a confiança
Em si, quando por demais,
É a perdição dos mortais.

Hécate anuncia os eventos que ocorrerão com Macbeth ao procurar novamente as bruxas: o envio das aparições, e como a ganância e a falsa segurança o levarão a ruína.

Na tragédia grega, os prólogos que mencionei anteriormente serviam também para anunciar à audiência, já familiarizadas com as histórias e os personagens que veriam, de qual versão do mito a peça trataria, e também se haveria alguma novidade em relação à condução da trama (o que era bem comum no caso de Eurípides, que traz muitas inovações aos mitos tradicionais).

Bradley (*ibid.*, p. 395) argumenta que essa passagem pode ser excluída da peça sem deixar qualquer vestígio dessa excisão, mas será que não perderíamos, com isso, esse anúncio do destino de Macbeth? Na Atenas clássicas, a audiência sabia de que personagens se tratava a peça que assistiriam, mas e a audiência da Inglaterra elisabetana? Eles estavam cientes do destino de Macbeth? A fala de Hécate, portanto, não aumentaria ainda mais a tragicidade desse destino?

Por fim, Hécate aparece pela última vez no ato IV, cena I, com duas falas distintas, exortando as bruxas em seu ritual antes da chegada de Macbeth à caverna.

*O well done: I commend your pains
And everyone shall share i'th' gains –
And now about the cauldron sing
Like elves and fairies in a ring,
Enchanting all that you put in.*

*Ay sir, all this is so. But why
Stands Macbeth thus amazedly?
Come sisters, cheer we up his sprites,
And show the best of our delights.
I'll charm the air to give a sound,
While you perform your antic round:
That this great King may kindly say,*

Bravo! Mestras que sois no ofício,
Partilhareis do benefício.
E agora, como elfos e fadas
Em ronda, cantai, de mãos dadas,
Ao redor da mixórdia ardente,
Embruxando cada ingrediente.

Sim, será! Mas por que motivo
Está o grande rei apreensivo?
Vinde, vinde, irmãs, alegrá-lo.
Dai-lhe o nosso melhor regalo,
Bailando ao som de doces árias
Nossas rondas vivas e várias.
E assim em nós ele possa ver

Our duties did his welcome pay.

A delícia de o receber!

As bruxas invocam aparições para Macbeth, guiadas por Hécate. Invocar fantasmas, como vimos na seção anterior, era uma de suas principais atribuições nos períodos clássico e romano, portanto faz sentido que as bruxas se reportem a ela para isso.

A peça segue sem novas aparições tanto de Hécate quanto das bruxas, e nos é dado saber que todo o reino está “doente” por estar sendo guiado por um rei imoral como Macbeth. Até a própria rainha sofre com sonambulismo, admitindo em seus sonhos a culpa que não pode revelar quando acordada.

Essa ideia de que todo um povo sofre por atos injustos e imorais está presente desde a Antiguidade, desde Hesíodo, para ser mais exata. Conforme diz o poeta em seu poema *Trabalhos e Dias* (versos 238-251)¹⁶¹:

οἷς δ' ὕβρις τε μέμηλε κακὴ καὶ σχέτλια ἔργα,
τοῖς δὲ δίκην Κρονίδης τεκμαίρεται εὐρύοπα Ζεὺς,
πολλάκι καὶ ξύμπασα πόλεις κακοῦ ἄνδρὸς ἀπήρρα,
ὅς κεν ἀλιτραίνῃ καὶ ἀτάσθαλα μηχανάσται.
τοῖσιν δ' οὐρανόθεν μέγ' ἐπήγαγε πῆμα Κρονίων
λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμόν: ἀποφθινύθουσι δὲ λαοί.
οὐδὲ γυναῖκες τίκτουσιν, μινύθουσι δὲ οἴκοι
Ζητὸς φραδμοσύνησιν Ὀλυμπίου: ἄλλοτε δ' αὖτε
ἢ τῶν γε στρατὸν εὐρὸν ἀπόλεσεν ἢ ὅ γε τεῖχος
ἢ νέας ἐν πόντῳ Κρονίδης ἀποαίνυται αὐτῶν.
ὦ βασιλῆς, ὑμεῖς δὲ καταφράζεσθε καὶ αὐτοὶ
τήνδε δίκην: ἐγγὺς γὰρ ἐν ἀνθρώποισιν ἐόντες
ἀθάνατοι φράζονται, ὅσοι σκολιῆσι δίκησιν
ἀλλήλους τρίβουσι θεῶν ὅπιν οὐκ ἀλέγοντες.

A quem importa nociva violência e feitos terríveis,
A eles justiça destina o Cronida, Zeus ampla-visão.
Amiúde até urbe inteira perde com um mau varão,
Um que ofensa comete e arma iniquidades.
Sobre eles, do céu o Cronida envia grande desgraça,
Fome e peste, e as gentes perecem;
As mulheres não param e as fazendas fenecem
Pelo plano de Zeus Olímpico. E outra vez
Destrói seu amplo exército ou sua muralha
Ou de suas naus o Cronida se vinga no mar.
Oh reis, também vós mesmos ponderai a fundo
Esse juízo: estando perto entre os homens,
Os imortais ponderam quem com tortos juízos
Ralam-se uns aos outros ignorando o olhar dos deuses.

Na lógica religiosa grega, a injustiça, principalmente a dos reis, pode levar à decadência toda uma comunidade, pois a justiça é divina (sendo muitas vezes representada ela própria como uma deusa) e vem dos deuses (principalmente Zeus) e deve ser respeitada.

Sob o reinado de Macbeth, enlouquecido por sua fome de poder a ponto de assassinar e mandar assassinar, toda a Escócia sofre – sofrimento este que só terminará quando ele for

¹⁶¹ Texto grego estabelecido por Hugh G. Evelyn-White (1914). Tradução de Christian Werner (2013b).

deposto do trono, momento em que a peça chega a seu fim.

4 Conclusão

Minha intenção com este artigo foi fazer um passeio quanto às representações da deusa Hécate e como elas estão presentes mesmo tanto tempo depois do declínio da Antiguidade Clássica, em uma peça de Shakespeare – se Hécate é uma inserção de outras mãos que não as do próprio Shakespeare, isso não muda a análise que aqui apresento.

O que importa é: após séculos, mesmo depois da perseguição à bruxaria e aos símbolos pagãos de todo tipo na Idade Média, não se perdeu essa representação. Apesar desse longo hiato cronológico, ainda é possível ver Hécate como ela era representada na Antiguidade.

Deusa da magia, patrona de feiticeiras e líder de fantasmas – essa é a Hécate mais proeminente na Grécia e em Roma, e também a que nos é apresentada na tragédia do período elisabetano.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida para o meu mestrado, ainda em andamento. À Prof.^a Dr.^a Giuliana Ragusa, pela orientação dedicada de minha trajetória acadêmica.

Referências

- BANDEIRA, M. (trad.). *Macbeth*, Shakespeare. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- BATSTONE, W. W. “Provocation. The point of reception theory”. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R.F. (eds.). *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell Publishings, 2006. pp. 14-20.
- BETZ, H. D. *The Greek magical papyri in translation, including the Demotic spells*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- BRADLEY, A. C. *A tragédia Shakespeariana*. Hamlet, Otelo, Rei Lear, Macbeth. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BROOKE, N. (ed.; intro.) *William Shakespeare. The tragedy of Macbeth*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BUDELMANN, F.; HANBOLD, J. “Reception and tradition”. In: HARDWICK, L.; STRAY, C. (eds.). *A companion to classical receptions*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. pp. 13-25.
- BURKERT, W. *Greek religion*. Trad. J. Raffan. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- CLAY, J. S. “The Hecate of the Theogony”. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, vol. 25, n. 1, 1984. pp. 27-38.
- _____. *Hesiod’s cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. “Hymn to Demeter”. In: _____. *The Politics of Olympus*. London: Bristol Classical Press, 2006. pp. 202-265.
- CREPALDI, C. L. *Helena de Eurípidés: estudo e tradução*. São Paulo: FFLCH/USP, 2015. [Recurso eletrônico]. Disponível em: <http://spap.fflch.usp.br/node/65>. Acesso em: 27/09/2017.



- DINIZ, F. G. M. “Medeia na Argonáutica: um plano trágico de Argo”. *Codex*, Rio de Janeiro, v.3, n. 11, 2011, pp. 50-68.
- EVELYN-WHITE, H. G. (ed., trad.). *Hesiod. The Homeric Hymns and Homericica*. Cambridge: Harvard University Press, 1914.
- GRIFFITHS, E. *Medea*. Oxford: Routledge, 2006.
- HARDWICK, L.; STRAY, C. “Introduction: Making connections”. In: ____ (eds.). *A companion to classical receptions*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. pp. 1-9.
- HAYNES, K. “Text, theory, and reception”. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R.F. (eds.). *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell Publishings, 2006. pp. 44-54.
- HEXTER, R. “Literary history as provocation to reception studies”. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R.F. (eds.). *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell Publishings, 2006. pp. 23-31.
- JOHNSTON, S. I. *Hekate Soteira. A study of Hekate’s roles in the Chaldean Oracles and related literature*. Atlanta: Scholars Press, 1990.
- _____. *Restless Dead. Encounters between the living and the dead in Ancient Greece*. Berkeley: California University Press, 1999.
- _____. “Magic and the dead in Classical Greece”. In: PETROPOULOS, J. C. B. *Greek Magic: Ancient, Medieval and Modern*. Londres: Routledge, 2008, pp. 14-20.
- LARSON, J. *Understanding Greek Religion*. Londres: Routledge, 2016.
- MABILLARD, A. *Hecate. Shakespeare Online*. 10 Aug. 2010. Disponível em: <http://www.shakespeare-online.com/faq/macbethfaq/hecate.html>. Acesso em: 02/10/2017.
- MARTINDALE, C. “Introduction: Thinking through reception”. In: ____; THOMAS, R.F. (eds.). *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell Publishings, 2006. pp. 1-13.
- SARIAN, H. “Ártemis e Hécate em Delos: apontamentos de iconografia religiosa”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 8, 1998, pp. 145-153.
- SILVA, C. R. C. da. *Magia erótica e arte poética no Idílio 2 de Teócrito*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/7538>. Acesso em: 27/09/2017.
- SOURVINOU-INWOOD, C. “Persephone and Aphrodite at Locri: a model for personality definitions in Greek religion”. *JHS* 98, 1978, pp. 101-21.
- RIBEIRO, W. A. Jr. (ed., org.). *Hinos homéricos. Tradução, notas e estudo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- RICHARDSON, N. J. (ed., coment.). *The Homeric Hymn to Demeter*. Oxford: Oxford University Press, 1974.
- RODRIGUES Jr., F. *Epopeia e Poesia Alexandrina: Estudo e Tradução do Canto III dos Argonáuticas de Apolônio de Rodes*. 191 fls. Dissertação de Mestrado. Programa de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2005.
- TORRANO, J. (trad. e estudo). *Teogonia, a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- VON RUDLOFF, I. R. *Hekate in Ancient Greek Religion*. Victoria: Horned Owl Publishing, 1999.
- WALCOT, P. “Hesiod’s Hymns to the Muses, Aphrodite, Styx and Hecate”, *Symbolae Osloenses*, 34:1, 1958, pp. 5-14.
- WERNER, C. (org., trad.). *Teogonia*. São Paulo: Editora Hedra, 2013a.
- _____. (org., trad.). *Trabalhos e dias*. São Paulo: Editora Hedra, 2013b.
- WOODARD, R. D. “Hesiod and Greek myth”. In: ____ (ed.). *The Cambridge Companion to Greek mythology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 83-165.

[RECEBIDO 15/03/2018]

[ACEITO 27/09/2018]